

# A questão da formação de professores de Educação Física - questionamentos e sugestões

Sílvia Cristina Franco Amaral

## Resumo

*Este artigo trata da questão de formação de professores de educação física buscando levantar alguns questionamentos de aspectos genéricos e outros de aspectos específicos da área. Podemos citar que genericamente todos os cursos de formação profissional precisam repensar sua inserção social de forma a buscar uma educação que vise à formação de um ser humano crítico. As instituições formadoras de professores de educação física precisam estar atentas às discussões da nova LDB, dos PCNs e da regulamentação profissional em educação física que repercutirá diretamente na atuação dos futuros profissionais. Como sugestões e conclusões apontadas estão a importância de uma dinâmica constante de discussão, integrando todos os cursos que trabalham com formação de professores na busca de soluções de problemas regionais. A respeito do objetivo na atuação do professor de educação física faz-se primordial que este não perca de vista o ensinar para a formação da cultura da corporeidade e da formação de uma consciência humana da importância que a atividade física tem para toda uma vida e com práticas prazerosas.*

*Palavras-chave:* formação de professores, educação física, prática pedagógica.

## Abstract

*This paper is about the physical education teachers formation and brings about some generic and specific questions about physical education. All teachers formation courses need to think about the social insertion and the way to improve a critical point of view at human beings. The courses of physical education need to pay attention to the discussion about the new LDB, the PCN's, and the professional regulation in physical education that have direct repercussions on the future professionals. The suggestion and conclusion are the importance of a dynamic discussion about the education process in which all courses that work with professional formation will be an integral part to solve the regional problems. As to the goal of physical education action, it is very important that the teachers do not lose in their action the perspective to teach a body culture and an awareness of the importance of physical activities for all life and pleasurable physical activities.*

*Key words:* teachers formation, physical education, pedagogic practice.

Repensar a formação de professores é uma tarefa que exige aproximar-se de conceitos genéricos e, no caso da educação física, aproximar-se de conceitos específicos que nos dão a especificidade do trabalho realizado tanto no âmbito escolar como no âmbito não-escolar. Ao pensarmos esta formação precisamos

num primeiro momento aproximarmos-nos de vários fatores que são concernentes a esta prática pedagógica.

Num primeiro plano aparece a definição do que seja problema, ou o que seja esta problemática. Gebara (1986) coloca que "problema é aquilo que necessita refletir, compreender, sa-

Sílvia Cristina Franco Amaral é Mestre em Ciência do Movimento Humano/Pedagogia do Movimento (UFSM) e professora no Departamento de Educação Física da ULBRA.

Textura	Canoas	n. 1	2º semestre de 1999	p. 117-122
---------	--------	------	---------------------	------------

ber. Portanto a essência do problema é a necessidade que se impõe objetivamente e que é assumida como tal". A formação de professores de educação física é uma problemática que necessita de constante discussão e, este é um momento crucial para tanto, pois estamos convivendo com uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e uma discussão de parâmetros mínimos curriculares. Desta forma, não há como não nos engajarmos a discutir esta problemática e nos posicionarmos frente a este quadro como educadores que atuam em formação profissional a nível de terceiro grau.

Num segundo plano, não menos importante, a questão da formação de professores se constitui em um tema de discussão contínua, pois é o ser humano a cada dia um novo ser humano, que está inserido num contexto social dinâmico que vai apresentando novas características que pedem novas estratégias e ações diferenciadas.

Se por um lado esta preocupação é positiva, pois revela o dinamismo do processo ensino-aprendizagem, devemos tomar cuidado para que tal preocupação não se traduza e se transforme numa incapacidade de chegarmos ao centro da questão, deixando-nos permanentemente preocupados com fatos periféricos tipo maior ou menor carga horária de cada disciplina, atendimento desta ou daquela forma de mercado de trabalho sem ter uma visão crítica destas possíveis adequações. *(Não que eu não ache relevante estas questões, apenas entendo que não podemos estar restritos apenas as mesmas).*

## DOS ASPECTOS GENÉRICOS

Para uma reflexão dos aspectos genéricos penso ser fundamental salientar a importância do compromisso social que os egressos dos cursos de licenciatura devem ter desenvolvido e não somente uma formação técnica. Estes devem estar engajados num comprometimento como elementos de transformação social, comprometidos com seu ambiente de trabalho e devem ter a condição de transpor uma análise de mercado e inserção apenas à luz do corporativismo e de ocupação de um espaço social por um instrumento legal.

Esta questão é complexa envolvendo o

próprio conceito de educação, a questão do generalista-especialista, o corpo de conhecimentos que os profissionais devem possuir, a relação entre teoria e prática, que muitas vezes é dicotômica, a desqualificação dos trabalhadores no processo de qualificação acadêmica.

Quando pensamos em aspectos gerais acredito que precisamos trazer à tona alguns aspectos da formação de professores suscitando questionamentos (*que tenho certeza devem ser partilhados por muitos educadores*) perante a complexidade do todo. Creio que a possibilidade de em um texto solucionar todos os problemas ou esgotar questionamentos é uma tarefa impossível, então cabe partilhá-los no intuito de convidar à todos a repensar em aspectos relevantes buscando uma construção e avaliação permanente dos cursos de licenciatura e, talvez outras dimensões do ensinar.

Pensar sobre esta questão pode ser iniciada por pensar na relação - Educação e Universidade - tendo para tanto que valorizar o elemento histórico. Nele, vamos encontrar a formação do professor aliada à educação formal, que em muitos momentos foi e é tradicional, a ponto que não seria absurdo trocar a relação - Educação e Universidade - por - Educação e Uniformidade.

Comprovar que esta relação Educação e Uniformidade sempre esteve mais presente é estar atento a dois pontos primordiais:

- Que a preocupação dos cursos de formação profissional em muitos casos foi a de especializar este saber, sem na realidade aprofundar nada.
- E buscar uma uniformidade numa ação de moldar pessoas, interesses, realidades, projetos de vida diferentes sob um mesmo padrão, em nome de objetivos a serem atingidos, tendo como parâmetro a média das pessoas envolvidas.

Para uma mudança deste tipo de relação - Universidade e Uniformidade - para uma relação - Educação e Universidade, é necessário voltar a entender Universidade antes de especializar o saber, como o espaço onde a universalidade do saber e sua relação com outros saberes, levando em consideração o homem que sabe, as relações sociais de produção e veiculação deste saber. Dar prioridade a criatividade, a solução de problemas, com conheci-

mento crítico do saber institucionalizado ou do novo saber é conviver com os espaços de contradição que existem na educação formal, acreditando que é nestes espaços que avançar-se-ão as ações diferenciadas rumo a construção de um novo e dinâmico referencial de mundo, onde as diferenças estejam contempladas.

Esta crítica nos remete a outra crítica feita por Bourdieu (1974) acerca dos sistemas educacionais na qual o autor afirma “a transmissão hereditária do poder e dos privilégios, dissimulando sob a aparência da neutralidade o cumprimento dessa função”. Assim se deu o desempenho de muitos profissionais, onde a acriticidade e a aparente neutralidade justificaram a participação dos mais aptos nos recebimentos de privilégios e uso da força e do poder, legitimando a exclusão dos menos aptos, convencendo-os a se submeter à dominação sem perceberem que o fazem.

Esta questão colocada anteriormente pontua e aponta os problemas dentro da realidade universitária, mas precisamos refletir sobre a continuidade desta formação nos mercados de trabalho. No caso das licenciaturas devemos identificar e refletir sobre a educação formal em suas várias instâncias:

- Na pré-escola, como se dá o trato específico do conhecimento de cada área envolvida? Será que a Universidade está preparando profissionais capacitados para trabalharem com esta faixa etária? Qual nossa importância na construção do conhecimento destas crianças? Como é tratado o conhecimento pelas instituições que trabalham com esta faixa etária? Como a Universidade tem se relacionado e produzido conhecimentos para a pré-escola?
- Na escola de 1º e 2º graus, além das questões já citadas anteriormente, qual é o espaço legal e qual é a nossa competência para atuarmos neste nível? Que conteúdos são trabalhados e de que forma? O que tem caracterizado a ação dos profissionais-professores neste nível de ensino? Um trabalho pedagógico crítico ou acrítico? Uma prática mecânica-repetitiva ou uma prática de construção de conhecimentos? Será que estamos ajudando o educando a

se conhecer, a se relacionar com o mundo numa atitude de busca da sua própria autonomia e de efetiva ação no contexto social?

Estes questionamentos nos remetem a outro ponto primordial referente as questões genéricas, qual seja, o de identificar qual a concepção de educação que nos referimos. Silva (1993) coloca duas concepções que são antagônicas.

A versão mais divulgada de educação é aquela que tem como tarefa a aquisição, a sistematização e a transmissão de conhecimento, como instrumento de um saber determinado. Esse saber é entendido como experiências acumuladas, algo pronto e acabado, onde quem detém o saber o transmite para os escolhidos, os eleitos, de forma fracionada e voltada para o aprimoramento técnico. É o saber da competência técnica, cada vez mais especializado, em prol do rendimento e do lucro.

Salvo melhor juízo creio que a proposta pedagógica de nossas Universidades não buscam nem na forma, nem na conceituação associar-se a esta visão de educação.

A outra versão da educação é aquela que considera como fenômeno social amplo, vinculado ao contexto sócio-histórico, do qual sofre influências e influência numa relação dialética. Nela, não se concebe a dicotomia entre o saber e o agir, pensar e fazer, teoria e prática. A apropriação do conhecimento se dá pela ação e reflexão sobre o real.” É dentro dessa visão de educação que, esperamos, esteja o repensar da formação profissional na Universidade. É de uma educação comprometida com um projeto de sociedade que necessitamos e não de uma educação a serviço de alguns poucos.

## **DOS ASPECTOS ESPECÍFICOS**

Abordando especificamente a formação de professores de educação física, devemos nos remeter antes de mais nada aos aspectos da nossa evolução histórica para entendermos nosso momento atual e o que precisamos questionar e buscar agir a fim de solucionar.

Temos uma história de um século de construção pedagógica na educação física brasileira, que começa ainda no século passado com a contribuição de Rui Barbosa ao trazer o méto-



do ginástico sueco e pela primeira vez sistematizar uma educação física escolar. Se analisarmos a luz de nossos avanços de concepções pedagógicas, esta foi uma concepção extremamente utilitarista e que buscava na educação física, entre outras áreas, uma solução paliativa para os problemas de sanitização e de educação corporal da época.

Com a imposição do primeiro método de educação física oficial no Brasil, ocorrida em 1921, a educação formal passa a adotar o método ginástico francês. Passamos de uma pedagogia higienista para uma pedagogia militarista. Com muitas aproximações, tanto uma como a outra concepção pretendem uma eugeniação<sup>1</sup>, pretendem um brasileiro que possa ocupar de forma efetiva e qualificada a nação que erigia-se naquele momento.

Posteriormente acontece todo um movimento da educação nova e a educação física começa a preocupar-se com os aspectos afetivos, com a individualidade, com as necessidades individuais de cada ser humano. Surge uma preocupação humanista, voltada para uma educação física centrada no atendimento das necessidades individuais, que busca alicerçar-se em atividades físicas prazerosas mas ainda centradas somente no aspecto de uma educação individual, onde o coletivo, o social não fazem parte das preocupações existentes.

Com a reforma imposta pelos governos militares surge uma educação tecnicista. A educação física passa a priorizar a competição e as aulas são espaços para o aprimoramento técnico e de performance, onde o professor deve estar atento e priorizar a seleção “natural” do talento esportivo, que representará a escola nas competições. Há um investimento muito grande durante este período nas universidades em desenvolvimento de pesquisas nas áreas biológicas e de alta performance.

A década de 80 foi marcada pelo questionamento, pelas dúvidas, pela contraposição das influências médicas e militares nas propostas pedagógicas da educação física. Em alguns casos é possível afirmar que houve uma priorização da teoria em detrimento da prática, o que muitas vezes fez com que os professores perdessem seus rumos e neste perder-se ficassem em dúvidas de qual a melhor opção a ser seguida. Todos estes questionamentos levaram inclusive, em

alguns momentos, questionar a educação física enquanto componente curricular.

Mas toda essa efervescente década levou a um redimensionamento que veio a resultar numa década de 90 onde algumas iniciativas concretas foram realizadas na superação da mera crítica. Assim algumas secretarias municipais de educação, algumas secretarias de educação de estado, algumas redes escolares e grupos de pesquisa de algumas universidades estabelecessem propostas críticas de educação física e as colocassem em prática buscando uma nova dimensão da participação da educação física na construção de uma nova cultura escolar.

Surge então uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n 9394/96. Não era a que muitos educadores queriam, mas é a que teremos que conviver, portanto cabe ressaltar o papel fundamental das universidades e das escolas em perceber o que fazer com ela, pois muito mais do que a lei o que importa é o que faremos com ela. Então o desafio está em por-nos no conflito, no confronto, no produzir idéias e práticas escolares nas quais acreditamos. Por isso temos muito o que fazer nas escolas e no ensino da educação física. Precisamos estar atentos aos rumos que estão tomando os novos parâmetros curriculares nacionais e o que faremos com eles depois.

Nesta mesma década, e neste momento muito mais próximo, surge a discussão da regulamentação profissional da educação física. Esta pode ser uma iniciativa perigosa no momento que vem como uma panacéia de uma supervalorização do mercado não-escolar. Precisamos sim garantir a qualidade dos serviços prestados em nome da educação física no mercado não-formal mas não podemos permitir que isto remeta-nos a uma desvalorização do fazer pedagógico escolar e também não-escolar. Creio ser duas lutas distintas, que ao não se fundirem, decretam na verdade em vez de uma melhoria qualificada de mercado de trabalho e ações, uma desvalorização e talvez uma morte de uma solidificação de uma cultura da atividade física, da melhoria da qualidade de vida, de uma educação da, por e para a corporeidade.

Desta forma os cursos de formação profissional em educação física precisam questionar-se de uma forma geral sobre qual é o nosso comprometimento com as mudanças? Como este

<sup>1</sup> Eugeniação significa a busca de uma raça melhorada, de corpos que buscam a perfeição e o aprimoramento da raça, o refinamento genético.

compromisso vem sendo efetivado? Como temos agido para que a educação passe a dar conta da universalidade? Como temos e vamos lidar com estes dois fatos anteriormente apontados: a nova LDB (com a discussão dos PCNs) e a regulamentação profissional da educação física? Que tipo de professores estamos formando e que ética estamos passando aos nossos acadêmicos?

## **DAS SUGESTÕES E ALGUMAS CONCLUSÕES**

A partir de todos estes pontos colocados é possível apontar algumas sugestões e conclusões para a questão de formação de professores de educação física, são eles:

- que os cursos de graduação avaliem constantemente e continuamente sua prática sendo necessário que seja teorizada, pensada, refletida e experienciada.
- os cursos de formação profissional devem incentivar seu corpo docente a serem competentes: política, didaticamente, na pesquisa, etc. com uma visão e compreensão do homem que se relaciona socialmente no decorrer da história.
- é fundamental um comprometimento crítico, atuante, deixando de ser neutro e acrítico.
- é indispensável que os cursos de formação profissional se associem na discussão sobre a formação profissional e destinem tempo e recursos financeiros para pesquisa, recursos humanos, instalações, materiais, no sentido de identificar e explicitar melhor qual é o universo teórico de cada curso específico oferecendo então caminhos mais seguros para as discussões curriculares.

Quando falamos em formação profissional na Universidade, em especial nas áreas de licenciatura, tradicionalmente pensamos na esfera acadêmica. Alves (1986) nos lembra a necessidade de relacionarmos quatro esferas ao analisarmos esta questão: a prática pedagógica, a formação acadêmica, a ação governamental e da prática política. Essas relações precisam ser muito bem explicitadas.

Referindo-se especificamente da educação

física, alguns pontos são primordiais de serem constantemente repensados e relevados, como:

- buscar os domínios de conhecimento previstos por lei, quais sejam, conhecimento filosófico, conhecimento do ser humano, conhecimento sociológico e conhecimento técnico desde de uma perspectiva crítica que explore o caráter científico da educação, tendo como referência a inserção no contexto socio-político brasileiro.
- superar a dicotomia existente entre as disciplinas pedagógicas e as disciplinas que atendem ao caráter de maior especificidade do curso de educação física, preparando o educador para analisar as questões do contexto social mais amplo sem perder de vista seu referencial de inserção consciente e consistente neste contexto.
- repensar as disciplinas pedagógicas para que se tornem um espaço de interdisciplinariedade efetiva nos diversos setores do ensino formal e não-formal.
- organizar atividades comuns entre as diversas áreas que desenvolvem conteúdos na escola formal, para debater questões regionais objetivando integrar futuros profissionais a sua realidade concreta.

Desta forma acredito que a tão almejada interdisciplinaridade e dinâmica do conhecimento das universidades poderia concretizar-se.

Importante salientar que não podemos perder de rumo os objetivos da prática pedagógica da educação física, ou seja, dar uma formação crítica no ensino formal visando a criação de uma cultura da corporeidade através da conscientização da importância da atividade física como busca de uma qualidade de vida, de uma educação integral e como um processo de vida inteira. Outrossim, devemos lembrar que uma atividade centrada no prazer, na alegria beneficia à todos pois sabemos que 90% da população adulta só realizará atividade física como lazer e os 10% que irão direcionar-se ao esporte de rendimento precisam de uma base genérica para que seus desempenhos almejados realmente sejam concretizados.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, R. **Estórias para quem gosta de ensinar**. São Paulo : Cortez Autores Associados, 1986.

BOURDIEU, P. **Educação e reprodução**. Rio de

Janeiro : Francisco Alves, 1974.

GEBARA, A. **Educação física e esportes no 3<sup>a</sup> grau**. Campinas : UNICAMP, 1986.

SILVA, F. A formação de professores de educação física no Brasil - 45-49. **Revista de Ciências de Desporto dos Países da Língua Portuguesa**, v.1, n.2, 1993.